

Depoente: Nilmário Miranda

Entrevistadora: Helena Amorim

Data: 07 de junho de 2017.

I PARTE

HELENA AMORIM: Dia 7 de Junho de 2017, Helena Amorim, da Comissão da Verdade de Minas Gerais, entrevista Nilmário Miranda. Um pouco de indicação sua sobre a, a história do Nelson, do Nelson de Almeida né? Tem uma, eu achei uma, um parecer seu na época da câmara, eu nem entendi muito bem, foi um requerimento, você lembra disso?

NILMÁRIO MIRANDA: Não, eu era, o relator do caso era da comissão de mortos e desaparecidos.

HELENA AMORIM: É, é isso que eu não entendi, eu sabia que cê tinha sido relator.

NILMÁRIO MIRANDA: Não, o parecer que eu fiz.

HELENA AMORIM: Mas está assinado como deputado, então eu não sabia.

NILMÁRIO MIRANDA: Eu era deputado, mas eu representava a câmara dos deputados na comissão de mortos e desaparecidos.

HELENA AMORIM: Ah, então é isso mesmo.

NILMÁRIO MIRANDA: Eram 7 membros, um deles fui eu durante 7 anos, era Teófilo Otoni, foi um erro nosso, foi lá que começou a comissão da verdade. Eu acho que foi prematuro que a sessão foi ótima, parece que não foi gravado, ou a gravação não chegou aqui, é isso?

HELENA AMORIM: Não chegou, não tem nada aqui.

NILMÁRIO MIRANDA: Então. Foi uma sessão ótima, ótima. Talvez tenha sido prematuro isso. Estava, para mim estava tudo normal, eu soube que ele gravou ou que a gravação, foi gravado.

HELENA AMORIM: Foi gravado, mas teve problema, é.

NILMÁRIO MIRANDA: Puxa vida, poxa vida, perdemos.

HELENA AMORIM: Mas não foi só o caso do Nelson, que que é que cês trataram lá?

NILMÁRIO MIRANDA: Então, por exemplo, no depoimento do Jorge Medina, Jorge Amado Medina sobre, que prestou o Medina foi ótimo. O do Edson Soares, muito bom. Então palhaçada, tinha feito tudo, como se fosse vítima da ditadura, porra nenhuma essa droga, cara sem caráter. ele chorou, lembrando assim, uma lembrança, da perseguição. O cara tinha um grupo que chama Grupo Decisão aqui em BH, decretava a esquerda, quanto da direita.

HELENA AMORIM: Nem conheço, grupo Decisão? Mas quem que?

NILMÁRIO MIRANDA: Tinha um grupo na faculdade de direito, era o grupo Decisão, que era, do qual fazia parte o Edu Neiva, que se opõe à esquerda na verdade, disputava com a esquerda. Não era um grupo direitista, tipo assim, arqui-anti-comunista, mas era política de direita não é? Ele vai lá e fala como se fosse o maior.

HELENA AMORIM: E tenta ocupar o lugar?

NILMÁRIO MIRANDA: Não é de perseguido, mas fora ele, os depoimentos foram muito bons e até uma pena termos perdido isso.

HELENA AMORIM: Mas se tratou lá do caso Nelson de Almeida?

NILMÁRIO MIRANDA: Com certeza, inclusive lá, é, poucas cidades de Minas tiveram o IPM da situação da cidade, Coronel Urama, lá teve. O IPM do Coronel Urama. Daí gerou a coordenação do Tinga Roxo.

HELENA AMORIM: Não sei desse caso não.

NILMÁRIO MIRANDA: Hein?

HELENA AMORIM: Não sei desse caso não.

NILMÁRIO MIRANDA: Não entendi.

HELENA AMORIM: Não sei desse caso.

NILMÁRIO MIRANDA: Não, no relatório final não entra nada disso?

HELENA AMORIM: Não, não sei, entra lá que, de Teófilo Otoni um tanto de coisa, mas eu não conheço, eu não sei assim, estou querendo várias cidades.

NILMÁRIO MIRANDA: Várias cidades de Minas tiveram IPM da cidade.

HELENA AMORIM: Ahn.

NILMÁRIO MIRANDA: Quais que cê conhece? Deve ter uns 6, 7, onde teve IPM, específico?

HELENA AMORIM: Ah, não sei, isso não é o núcleo que eu acompanho, não sei se.

NILMÁRIO MIRANDA: Ali teve em Teófilo Otoni, era um núcleo, segundo eles devia ter o IPM.

HELENA AMORIM: Uhum.

NILMÁRIO MIRANDA: Entende? Que é Policial Militar, tem isso. IPM.

HELENA AMORIM: Cê lembra de alguma outra cidade?

NILMÁRIO MIRANDA: IPM indiciou o Tinga Roxo, ele era, tinha 3 alas no trabalhismo. Tinha uma ala mais moderada, varguista, antiga, eles chegaram até a um deputado estadual. Tem 5 vereadores, a votação do Santiago Dantas era alta, então um setor mais moderado no trabalhismo. Tinha uma ala mais janguista, tampouco, pouco mais esquerda, digamos assim. Tinha uma ala brizolista, que era esquerda, que fez o grupo Brisólis.

HELENA AMORIM: Brisólis.

NILMÁRIO MIRANDA: Do Tinga Roxo. E eles todos os, eles prenderam todos os 11. E o Tinga Roxo era um cara liderança assim bem agressiva. E ele veio, ficou preso, cumpriu pena, 2 anos de prisão, né? O DOPS para fazer o tombamento municipal, utilizou um depoimento dele, sobre como era o DOPS aqui em bilhão. Isso na tortura em, enfim, tinha essa vertente e tinha, tudo indica que teve uma infiltração lá. Isso deve ter acontecido em muitos lugares, aquela articulação do Golbery antes do golpe, do IPES, do IPES. Foi alguém lá como se fosse assistente da base receber. Se reuniu com os comunistas de lá. E como a maioria não tinha atuação política pública, a relação deles com o partido político era, não era pública. Eram comunistas, pública assim.

HELENA AMORIM: Ahn.

NILMÁRIO MIRANDA: Foram presos todos e lá chegaram a prender, aí já por sacanagem, dois ex-prefeitos, Doutor Petrônio Mendes de Souza e Doutor Sidônio Otoni, duas grandes lideranças foram presas assim. A articulação de aproveitar para a diferença política e pegar dois ex-prefeitos. Foi presa muita

gente em Teófilo Otoni. E tinha um núcleo de comunistas da estrada de ferro. Isso era real, lá em 47, na eleição, daquela eleição estadual, lançou um deputado estadual pelo PCB, Pedro Umbelino, e um vereador que era Luiz Medina. Esse povo ficou preso 6, 8 meses lá, depois do golpe.

HELENA AMORIM: É, esse tá na nossa lista, eu tenho certeza. Já vi o nome dele já.

NILMÁRIO MIRANDA: É, e o filho dele, Jorge Amado Medina fez um depoimento muito bom, muito bom. O Edson Soares recuperou a história do grupo de jovens do qual eu fazia parte, mas era menor de idade, que éramos menores de idade, se não me engano. Eram imputáveis, na época tinha isso, você sabe disso.

HELENA AMORIM: Tinha.

NILMÁRIO MIRANDA: Nós tínhamos um grupo que virou história, já no ano de 64, e um pouco da história anterior. E eu fiz o depoimento também, mais abrangente igual eu estou falando aqui, não falando do meu pai que foi preso, não sei o que, meu irmão, quer dizer, nem pessoal e nem familiar. Tentei situar. E quem que eram os caras assim mais precisos? Tito Guimarães.

HELENA AMORIM: Sim.

NILMÁRIO MIRANDA: Que é um cara que depois veio não é? O Itagiba de Castro. O Secundino, era liderança também ferroviário. Pessoas mais, que tinham militância pública. Vereadores, houve um indiciamento de gente no IPM. Eu acho que devia recuperar o IPM sabe?

HELENA AMORIM: Certo.

NILMÁRIO MIRANDA: Ele está no arquivo público. Quantas cidades, e pegou gente da região inclusive, pegou outros, da região. Teófilo Otoni era um centro regional.

HELENA AMORIM: E o Leão, o senhor sabe essa?

NILMÁRIO MIRANDA: Tinha o pessoal de Poté. Os três de Poté não é, que foram presos. Eu estou escrevendo um livro, eu recupero muito a história de Teófilo Otoni para a esquerda, então até assim eu refletir sobre a coisa, puxa vida. Mas tinha se criado uma diocese e o bispo que foi pra lá era progressista.

Paulo Quirino, de Minas. E ele estava estruturando um novo modelo de igreja a partir de um novo modelo do Vaticano, segundo o Papa João XXIII e tinha também articulação de igreja muito boa. O partido foi, criação de base, poucas cidades de Minas tiveram não é? Iniciação com o Paulo Freire e teve a campanha nacional de sindicalização rural, a fundação do primeiro sindicato desse modelo em Minas. Foi de Poté, localizamos de 03 camponeses. Joaquim de Poté.

HELENA AMORIM: Joaquim nós entrevistamos ele.

NILMÁRIO MIRANDA: O Ari e o Serafim, inclusive um deles, o Joaquim foi num tal jipão, ele tinha um jipão grande lá, de surpresa para Valadares, foi junto com o meu pai. E o João Quirino foi lá em Governador Valadares e trouxe os três de volta. Levou os três, sabe-se lá o que que falou. Ele escreveu um livro chamado Pastor Interno que ele conta essa história. Então da vertente católica, ninguém foi preso. Só os comunistas e os trabalhistas, sabe? Eles (ininteligível) atual que era um grupo de esquerda. Trouxe (ininteligível) era esquerda e um grupo de engenheiros que ele deu soube da AP pelos engenheiros. Gilberto Moura liderava um grupo, ligado ao Padre Vaz, etc. E isso foi tocado. Sabe? Então Teófilo Otoni virou um polo de esquerda por causa da igreja, a igreja deu tocada por dentro. Os militares não sabiam como enfrentar a esquerda, a igreja.

HELENA AMORIM: A igreja.

NILMÁRIO MIRANDA: Era bem diferente. Vem um partido comunista, não eram os sindicatos, de outro tipo de atuação. Depois que aí se expressaram as comunidades eclesiais de base, os programas sociais, eles deixaram esse pessoal quieto. E foram se organizando, mas eficaz com os comunistas. E olha, comunistas eram mais militantes individuais, não é? Tinha lideranças de grupo, de líder estudantil, vinham de longe para convergir em Minas. Então isso vira preso político para acalmar. Então isso passa despercebido para igreja. Cada um queria defender os senhores e senhoras. A verdade não é? Minha turma é boa

HELENA AMORIM: Mas o Nelson não era de lá, ele foi deslocado para lá, é isso?

NILMÁRIO MIRANDA: Não, O Nelson era articulação da LM, da coordenação da LM. E eles tinham uma tese da, eles iam fazer a guerrilha rural, numa região lá da terra do Bico do Papagaio. Eles iam botar pequenos fogos ao longo da livraria, por exemplo, tivesse uma vista, que era para desviar a punição do foco principal, disparar pelo Brasil. E o Nelson foi pra lá para isso. Tinha também, muito faz em cima que foi preso e o povo de Valadares sumiu. Teófilo Otoni tinha um grupo, se eu não me engano era o (ininteligível). De Valadares que caiu e daí.

HELENA AMORIM: Cadeia foi não é? Alguém falou não é?

NILMÁRIO MIRANDA: Falou que ia lá, a tortura abriu, sabia. Caiu lá.

HELENA AMORIM: Agora lendo as informações e o seu parecer e algumas documentações lá da comissão de mortos mesmo, é, tem aquele policial eu disse que ele foi.

NILMÁRIO MIRANDA: Isso, Nelson que é de.

HELENA AMORIM: Orosimbo né?

NILMÁRIO MIRANDA: É.

HELENA AMORIM: Ele está vivo ainda?

NILMÁRIO MIRANDA: Deixa eu só explicar assim de forma geral.

HELENA AMORIM: Ahn.

NILMÁRIO MIRANDA: É que o isso é importante isso aí, a versão oficial é que ele foi preso tá? Atravessa o rio lá.

HELENA AMORIM: Na rua da delegacia?

NILMÁRIO MIRANDA: No rio lá de Teófilo Otoni, perto do Pau Velho, do morro. Teve o aparelho dele, que ele foi levado para lá depois, fugiu. Que na fuga aí houve o tiroteio e ele morreu. Que ele tinha feito, participado de um assalto à agência.

HELENA AMORIM: Ah, na Caixa.

NILMÁRIO MIRANDA: Na Caixa Econômica Federal.

HELENA AMORIM: Que ninguém confirma né?

NILMÁRIO MIRANDA: É, eu fui, sou da cidade era um assalto. Aí eu fui procurado. Funcionários da Caixa antigos, desde que abriu a agência, nunca teve assalto na Caixa, nem de bandido comum, nem de esquerda, de nada. A coisa era falsa. E aí o irmão dele que morava em Brasília, a gente perdeu o contato totalmente. Achou o Orozimbo, que era de Mendes Pimentel, onde era a família do Nelson. E ele contou que viu o Nelson preso. Preso dentro da cadeia pública de Teófilo Otoni, Cadeia Alfredo Portela. E o caso que apareceu, que eu tinha que provar na época, era que ele estava, chegou a ser preso, logo foi morto. Então estava sob a guarda do Estado. Não era recuperar a história o objetivo. Que lei tinha uma limitação e depois que eu fui ministro que eu tirei. Porque só admitia indenizar, reparar ou reconhecer quem tivesse sido morto, independente se foi aliciados ou assemelhadas. Depois tirando isso, em qualquer circunstância, que a gente percebia que tinha muitos casos, que não tinha prova que o cara está sob a tutela do Estado, mas sabia que versão oficial era falsa, a dos tiroteios. Então adquiri no caso ali, o objetivo não era recuperar a história. Era a responsabilidade do Estado sobre a morte não é? Então isso é importante, essa história, porque a cadeia está desativada, e o prefeito atual, Daniel Sucupira quer a cadeia para.

HELENA AMORIM: Um centro de memória?

NILMÁRIO MIRANDA: Não, para fazer o Hemominas lá.

HELENA AMORIM: Ah, tá.

NILMÁRIO: Um hemocentro. E eu falei com ele: “Olha, o Nelson foi morto nessa cadeia. Ele falou, não, então ele não sabia da história. Era de uma geração mais nova, um ótimo prefeito. Não, então nós podemos fazer um acordo numa parte tá? Falei, o prédio é grande, fica como Centro de Memória. Uma parte lá, faz um auditório, uma coisa. E o resto ele está pedindo para o hemocentro. Está reivindicando a cessão para o município, o prédio estadual está abandonado há muito tempo. A cadeia está desativada a muitos anos. Isso é importante, que por exemplo, a Comissão da Verdade pode recomendar.

HELENA AMORIM: Recomendar isso, é.

NILMÁRIO MIRANDA: Que seja também um espaço de memória do assassinato do Nelson José de Almeida não é?

HELENA AMORIM: Pois é, mas nós estávamos querendo tentar ou o irmão do Nelson, ou esse Orozimbo, para ter mais um depoimento, porque nós não achamos nenhum depoimento do Nelson.

NILMÁRIO MIRANDA: Não, mas se não aparecer, vai aparecer aprovado pelo estado.

HELENA AMORIM: É, aprovado, não. Isso é fato.

NILMÁRIO MIRANDA: Faz parte já do, depois posteriormente com tudo, naquele período o Presidente da Comissão Especial de Mortos e Desaparecidos era o Miguel Reale Júnior, que é o Reale Júnior. É, o Governo Fernando Henrique colocou lá uma maioria, General Osvaldo Gomes, o Procurador Federal que era filho de militares, assim bem duro do lado de lá, algo que o Estado estava vibrando. E esse cara que foi reitor da PUC também, super polêmico que, são quatro pessoas para segurar a comissão né? De mortos e falecidos. Era uma luta para provar, quando não era muito caro, óbvio que tinha dependência policial, era muito difícil. E depois que eu era ministro e a comissão estava, eu acho que igual está a Covemg dentro da área de.

HELENA AMORIM: De direitos humanos.

NILMÁRIO MIRANDA: Independente em tese mas, relacionado com Ministério de Direitos Humanos que foi criado. Aí nós fizemos um medida provisória e tiramos essas vedações, mas pediu um conceito na área da violência política. Todo mundo que morreu pelas forças de repressão, que foram formadas pelo Estado. Dependendo das circunstâncias.

HELENA AMORIM: Foi de responsabilidade do estado né?

NILMÁRIO MIRANDA: É, tiramos, tiramos esse. Era muito difícil obter informações e também eu fiz o programa de memória revelada, e milhões de documentos foram disponibilizados para nós. Aí gerou, hoje tem tudo não é? Tudo menos aqueles segredos dos segredos de como mataram as pessoas e desapareceram com as pessoas. Vai e etc, que eles falam que está tudo destruído, tudo. Até hoje tem essa questão. Quando termina o Governo Lula,

todos e nisso, tiveram essa versão. Os paraguaios e os executados que nós não temos. Os documentos eu pedi para tortura, depoimentos não oficiais né? Tivemos. Fora isso, são milhões de torturados. E aí tem informações, foram chegando novas, novos discursos. A Iara Xavier que tem mais informações sobre isso. Porque tiraram o líder principal da corrente. Então ele cuidou de todos os portos da corrente, mesmo após aprovação da reparação pela consciência especial, continuou pesquisando. Nunca parou.

HELENA AMORIM: Então é possível que eles tenham mais, mais algo?

NILMÁRIO MIRANDA: Se não tiver as pessoas, eles tem mais informações pós revelação.

HELENA AMORIM: Você não tem contato, por exemplo, com esse irmão do Nelson nem com?

NILMÁRIO MIRANDA: Não porque eu, eu fiquei na comissão de 95 a 2002, virei ministro e saí, porque eu que era o gestor não é?

HELENA AMORIM: É.

NILMÁRIO MIRANDA: E um dia você lembra e também deixei de ser deputado.

HELENA AMORIM: Ah, era a vaga da câmara? É.

NILMÁRIO MIRANDA: Eu representava a câmara. Indiquei a Maria do Rosário. A Maria do Rosário. Pedi que ela assumisse pela câmara. Para não entrar lá uma pessoa que.

HELENA AMORIM: E sobre a questão do corpo dele? Ele não localizou até hoje? Não foi localizado até hoje? Porque na certidão de óbito está escrito que está enterrado no.

NILMÁRIO MIRANDA: No cemitério da cidade.

HELENA AMORIM: Cemitério da cidade, é.

NILMÁRIO MIRANDA: O problema é que, o cemitério era municipal, como todos os cemitérios são né? E tudo desorganizado, muita coisa, e a família é muito pobre, filhos de camponeses pobres. Foi atrás, batalhou, ninguém brigou por isso, entende? De 69 até quando abriu isso, foi 20 anos depois, tinha passado muito tempo.

HELENA AMORIM: E provavelmente ele foi enterrado como indigente?

NILMÁRIO MIRANDA: Como indigente.

HELENA AMORIM: Sem nome na, na cova.

NILMÁRIO MIRANDA: É.

HELENA AMORIM: E aí pela, pela legislação ele é considerado desaparecido, ou não?

NILMÁRIO MIRANDA: Todos os casos. Não, morto oficial.

HELENA AMORIM: É morto oficial?

NILMÁRIO MIRANDA: Morto oficial porque saiu uma nota pública com o reconhecimento da morte.

HELENA AMORIM: Ah tá, não saiu como desaparecido não?

NILMÁRIO MIRANDA: Reconhecimento da morte.

HELENA AMORIM: Uhum.

NILMÁRIO MIRANDA: O Estado alega que tenha participado da morte. No caso é morte oficial porque saiu uma nota do estado dizendo que um terrorista preso depois de um tiroteio, depois de tentar fugir, etc. Como eles faziam aquelas notas. Papel meu daria para aí, foi da Suzana Lisboa na comissão especial. Era junto com essa comissão de familiares, baseada em dossiê. Os mortos a falecidos políticos era buscar desmentir a versão oficial. Desmontar de resumir isso, desmontar a versão oficial. Que era o caso. Então a gente parava ali, mas não tinha estrutura, meios. Só quem tinha legitimidade para buscar restos mortais era a família, para pedir para investigar, a coisa mudou muito. Naquela época, aqueles anos da, governo Fernando Henrique, era muito difícil.

HELENA AMORIM: É interessante que a segunda certidão que o irmão dele conseguiu, já não está escrito exatamente como estava escrito a primeira.

NILMÁRIO MIRANDA: A versão oficial.

HELENA AMORIM: Já não era, é. Pois não, a primeira era em via pública, na via mesmo né? Que é. E essa segunda só fala no nome da rua onde era a cadeia.

NILMÁRIO MIRANDA: É, Rua Velho Preto Portela.

HELENA AMORIM: Já.

NILMÁRIO MIRANDA: Que para nós era mais um elemento de prova.

HELENA AMORIM: Isso.

NILMÁRIO MIRANDA: Porque ele foi morto não na fuga, estava sob tutela.

HELENA AMORIM: Ainda tem uma terceira versão da Marinha, eu também não conseguimos achar esse documento não, mas é uma versão mais esdrúxula ainda, nem lembro, que ele foi para o hospital, morreu no hospital.

NILMÁRIO MIRANDA: É.

HELENA AMORIM: Alguma coisa qualquer assim, mas nós vamos, eu vou tentar ver então via Gilnei.

NILMÁRIO MIRANDA: Agora, eu acho, a universidade federal gravou, que foi na universidade. Eu pedi que a sessão fosse na universidade para exatamente estabelecer o vínculo para ter uma instituição, que ela estava se organizando, era muito recente. Que se interessasse pela questão de recuperação da memória em Teófilo Otoni, de tudo, inclusive disso.

HELENA AMORIM: Nós não perdemos a esperança não. É porque veio para cá uma gravação, que ela dá perdida, ela não, perdida assim. Ela não gravou parte das coisas.

NILMÁRIO MIRANDA: Sei.

HELENA AMORIM: Aí nós achamos que estava tudo perdido, que tinha gravação que tinha perdido tudo, mas não, mas não, é porque.

NILMÁRIO MIRANDA: Eu acho que se, dependendo das coisas.

HELENA AMORIM: Hum.

NILMÁRIO MIRANDA: Pelo fato de ter havido o IPM, pega o IPM na internet, busca no arquivo público.

HELENA AMORIM: Arquivo, é, azul.

NILMÁRIO: Lá no mesmo lugar.

ENTREVISTADOR: Nilmário, você quer que vê se o carro te busca no aeroporto?

NILMÁRIO MIRANDA: Ué, pode. Então vamos com o mesmo horário viu?

HELENA AMORIM: Vou.

ENTREVISTADOR: Não, eu tô falando lá para, lá em Montes Claros, aqui não tem jeito não.

NILMÁRIO MIRANDA: Ah, lá em Montes Claros? Não, ele já vai.

ENTREVISTADOR: Ah já vai?

NILMÁRIO MIRANDA: Já vai, não, aqui não precisa não.

ENTREVISTADOR: Tá ok, obrigado, mas amanhã eu te encontro lá em Juiz de Fora então. Então está ok.

HELENA AMORIM: Tá, vou falar de novo, rua Direita Rasta Couro?

NILMÁRIO MIRANDA: Rua Direita e Rasta Couro.

HELENA AMORIM: Ahn?

NILMÁRIO MIRANDA: Que é um, rua Direita é a rua principal de Teófilo Otoni, a rua Getúlio Vargas. Rasta Couro é um lugar onde o Tinga Roxa atuava. Que ele fez uma espécie de reforma agrária em terreno da família da mulher dele.

HELENA AMORIM: Ahn

NILMÁRIO MIRANDA: E por isso que ele era considerado o principal alvo da repressão na cidade, não é?

HELENA AMORIM: E esse livro é de quem?

NILMÁRIO MIRANDA: Márcio Atschin que é um historiador, que dá aula na universidade federal, e Igor Sorel e eles contam histórias. Eles se baseiam no IPM, desde buscar também depoimentos.

HELENA AMORIM: É.

NILMÁRIO MIRANDA: Eles baseiam só no IPM, que é uma concepção como um historiador que ele tem que ter documentos, só é, só se tiver documento. E já falei com ele na época, ô Márcio, porque a versão dada pelo, por exemplo, ele pega os depoimentos dos presos e procurando para o IPM para o Coronel Urano. Aí todo preso mente uai, é tão obvio uai. Você põe como se fosse, o depoimento fosse a, né? O preso mente uai. Preso, qual preso que conta a verdade? E fala: “Meu pai virou testemunha, porque”, falei: “O que é isso?” “Sei nada disso, sei por quê que o meu nome apareceu aí, o quê que eu estou fazendo aí não é? Ele.

HELENA AMORIM: Você não quer tomar um café não? Porque eu acho que nós estamos.

NILMÁRIO MIRANDA: Doutor Petrônio, ele fala: “O que que eu tô fazendo aqui? O que me puseram aqui? Me prenderam por quê? Eu não sou nada disso, eu não apoio esse pessoal.” Ele nega veementemente qualquer raça, qualquer vínculo com a esquerda, agora ele deixa uma santinha, uma cobertura e que mora em Juiz de Fora e é médica no caso.

HELENA AMORIM: O nome que não.

NILMÁRIO MIRANDA: São clientes.

HELENA AMORIM: Um nome que nem brasileiro não é né?

NILMÁRIO MIRANDA: Não. Sandino Mendes.

HELENA AMORIM: Só tinha ele.

NILMÁRIO MIRANDA: Só gente de esquerda que ia saber quem era Sandino.

HELENA AMORIM: É.

NILMÁRIO MIRANDA: Da Nicarágua então. Tinha uma formação, eu conheci ele. Ele é meu amigo.

HELENA AMORIM: E esse livro, onde é que a gente acha esse livro?

NILMÁRIO MIRANDA: Ele foi a versão dos depoimentos dos presos que foram depondo perante o, ao longo do IPM . Que teve várias, muitas oitivas, mais de 70 pessoas e a maioria fala: “Não, não sei nada disso, não conheço ninguém, não sei não é?” Como todo preso fala.

HELENA AMORIM: Claro, vai entregar o quê? Vai a contar a história ali?

NILMÁRIO MIRANDA: E contar a história, não eu sou assim, entrei. A não ser o Pedro Umbelino que foi candidato a deputado por 156 votos pelo PCB, pelo Partido Comunista Brasileiro, e o, e esse que é o Medina aqui, que dizia não, eu conheço. Eu era filiado ao PCB naquela época. Depois que saí. O Márcio foi meio ingênuo. Fazer um livro que conta a história, é um livro né? Um livro para nós importante.

HELENA AMORIM: Pois é.

NILMÁRIO MIRANDA: Publicou, virou referência.

HELENA AMORIM: Mas é um livro mais antigo? Onde é que a gente acha?

NILMÁRIO MIRANDA: Não, é recente.

HELENA AMORIM: Recente? Ah, então eu acho.

NILMÁRIO MIRANDA: Sabe que nos últimos 5 anos.

HELENA AMORIM: Ham.

NILMÁRIO MIRANDA: Chama A Rua Direita e Rasta Coelho, conta um pouco a história. O objetivo é falar da esquerda em Teófilo Otoni, mas ele fala isso, o objetivo é falar mais. Ele conta a história de Teófilo Otoni, contextualiza, eu sei que é um livro de história.

HELENA AMORIM: Mas fala do IPM.

NILMÁRIO MIRANDA: Mas fala do IPM, baseia, baseia, o livro todo baseado no IPM, entendeu? Baseado no IPM. Eu acho que o IPM foi radical, real não é? Que é um.

HELENA AMORIM: Boa viagem, obrigada.

II PARTE

HELENA AMORIM: HELENA AMORIM, 7 de junho, entrevista com Nilmário Miranda, sobre o caso Nestor Vera. Nilmário, a questão do Nestor Vera, que.

NILMÁRIO MIRANDA: Nestor Vera?

HELENA AMORIM: É, basicamente a questão da ida lá, do MPF, o quê que o MPF fez e a ida com o Cláudio Guerra para tentar descobrir o lugar que ele teria enterrado, executado e enterrado o Nestor Vera. Você foi junto?

NILMÁRIO MIRANDA: Olha, para nós a questão do Nestor Vera ela é um mistério, não tinha nenhuma pista, nada, pista nenhuma. Nós nunca saberíamos se não tivesse surgido a história do Cláudio Guerra.

HELENA AMORIM: Isso.

NILMÁRIO MIRANDA: É, aí tinha outras informações né? Ele foi deixado na Paraná, numa banca de jornal, que por coincidência era a pessoa do PCB.

HELENA AMORIM: Partidão, é.

NILMÁRIO MIRANDA: Não é? Então ele desceu ali e coincide a informação dada pelo Cláudio Guerra, não era uma invenção. Desceu ali, foi capturado ali

né? Daí para frente só notícia do Cláudio Guerra. Ele implica que pessoas que não querem falar sobre isso, Gabriel Prata por exemplo, teria participado e saberia.

HELENA AMORIM: Mas isso tem integralmente? Nós lemos o livro, mas na audiência da CNV ele implica, nós não vimos essa implicação não. Esse depoimento lá?

NILMÁRIO MIRANDA: Mas a.

HELENA AMORIM: Não, Cláudio Guerra. Mas onde? No livro não tá.

NILMÁRIO MIRANDA: No livro, no livro dele, no livro.

HELENA AMORIM: Qual livro?

NILMÁRIO MIRANDA: Você me confundiu, é, ou foi posterior? Foi entrevista. Foi, quem era amigo dele, amigo assim, ganhou confiança dele foi o Perly Cipriano e o Marcelo Neto.

HELENA AMORIM: E Marcelo Neto.

NILMÁRIO MIRANDA: Perly que soube e falou que ele tinha virado evangélico, tinha um câncer. Que queria limpar a consciência, queria falar. Perly , viu, conversaram, foram me falando.

HELENA AMORIM: Isso depois dele ter sumido na banca de revista?

NILMÁRIO MIRANDA: Hoje o Marcelo né?

HELENA AMORIM: Ah sim, Cláudio Guerra.

NILMÁRIO MIRANDA: O Marcelo entra para fazer o livro. O Marcelo ficou de, é uma pessoa de, que fez o livro, logo a pessoa que tinha acesso pleno a ele. Para mim a coisa mais importante do livro foi o Nestor Vera. Aquela história lá da usina de Campos, que ele, né? Ficou a fala dele, igual delatores aí.

HELENA AMORIM: Uhum.

NILMÁRIO MIRANDA: Fala e não tem mais nada não.

HELENA AMORIM: Não tem mais nada.

NILMÁRIO MIRANDA: Nestor Vera tinha verossimilhança, sempre.

HELENA AMORIM: E ele se citou o nome de dois policiais que se enquadram direitinho. Dois policiais civis lá da delegacia, que estavam na Delegacia de Furtos e Roubos.

NILMÁRIO MIRANDA: Exatamente. Então foi isso, foi só o, acho que a pessoa que mais ajudou foi o Marcelo Neto, e.

HELENA AMORIM: Pois é, mas e a história de ir lá achar o local?

NILMÁRIO MIRANDA: Pois é, eu não fui.

HELENA AMORIM: Ah não?

NILMÁRIO MIRANDA: Não, fui agora. Eu já fiz muito isso. Eu fui muitas vezes nesse tipo de informação quando eu estava procurando Onofre Pinto e os medioneiros, sabe? Entrava por Santa Helena, Foz do Iguaçu, aquela região ali. Parque do Iguaçu, fui nuns quatro lugares indicados por gente, era tudo falso né? No caso dele eu acho que nem era tanto falso, é porque o que ele, o lugar que ele descreveu, depois de 40 anos é evidente que sofreu modificações, e foi.

HELENA AMORIM: Não tem algo?

NILMÁRIO MIRANDA: Não tinha referências. Era perto de Nova União, não tinha referências. Nem ele falou em Nova União, ele falou 40, 50.

HELENA AMORIM: É, ele falou quilômetros, a estrada de Itabira, indo para Itabira.

NILMÁRIO MIRANDA: Indo para Itabira.

HELENA AMORIM: Que ele saberia levar, mas ele errou na curva lá, e nunca chega no lugar que chegou, não adiantou nada.

NILMÁRIO MIRANDA: É muito difícil de localizar depois de tanto tempo sem referência. Sem referência concreta né? Tinha que ter pelo menos o perímetro para delimitar: “Ó, entre aqui é aquele segundo poste” É isso aí. Tem meios de pesquisar isso.

HELENA AMORIM: Uhum.

NILMÁRIO MIRANDA: Tem uns equipamentos de pesquisa geológica que permite fazer coisas.

HELENA AMORIM: É, mas o.

NILMÁRIO MIRANDA: Mas não tinha nem isso.

HELENA AMORIM: É, o ministério público parece que ficou com muita dúvida de investir nisso, porque o local não tinha certeza. Não tem uma referência exata.

NILMÁRIO MIRANDA: Não tinha não é? Agora eu de qualquer ser humano tenho dificuldade de.

HELENA AMORIM: Eu também acho.

NILMÁRIO MIRANDA: Localizar uma coisa sem um ponto de referência.

HELENA AMORIM: Uhum.

NILMÁRIO MIRANDA: Só na memória. Aquele lugar tudo é parecido, muito cheio de curvas.

HELENA AMORIM: E o ponto de referência muda também né? Lá era uma árvore e tinha rido lá, não está lá mais. Aí nós temos novidade, eu tenho até novidade para te falar disso.